

1

Introdução

Assim como em toda a minha trajetória profissional, aqui neste trabalho se cruzam a mulher, a professora, a cidadã, a filha, a amiga, a amante e todos os outros papéis sociais que desempenho. A chegada até aqui mistura vida e profissão. Parte da análise aqui exposta não é só fruto de uma fundamentação teórica específica; seus conceitos foram sendo construídos nas inúmeras interações ao longo dos anos de minha vida. Muito do que eu penso sobre a infância está nas minhas reminiscências de criança. Nas inúmeras brincadeiras, no contato com meus irmãos, na intimidade com a horta cultivada nos fundos da casa, no cuidado com os bichos, em tudo que é vida e experiência.

Nesse sentido, é sem mágoas que digo que minha história com a educação nem sempre foi feliz. A vida fora dos muros das instituições sempre me pareceu mais dinâmica. Entretanto, entre dois pontos, o caminho também pode ser feito de curvas e não só de retas.

Moradora de uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro e estudante da escola pública, fiz minha opção pelo magistério, muito mais pela oportunidade de “terminar o segundo grau com uma profissão”, do que pela identificação com a carreira. Mesmo tendo sido “uma escolha, dentro de uma não escolha”¹, pelas condições reais em que eu estava inserida, foi o interesse pela educação que delineou os meus passos após o término do curso normal e determinou minha trajetória pessoal. Os caminhos trilhados a partir daí, me conduziram a este mestrado. Esse percurso foi repleto de percalços: viver na cidade grande, descobrir o mundo da leitura e desvendar os meandros da escrita, desafios originados na época e que me envolvem até hoje.

Os aspectos ligados à infância e à formação dos profissionais que com ela atuam me acompanham desde os primeiros dias de minha formação. Na

¹ LELIS, Isabel Alice. A polissemia do magistério: entre mitos e histórias. Tese de Doutorado em Educação, PUC-Rio, 1996.

NASCIMENTO, Anelise; FIGUEIREDO, Fabiana; PEDROSA, Giovannina; VARGENS, Paula; KRAMER, Sonia. “**Nos relatos de professores, conquistas e ambigüidades da educação infantil**”. In: Educação, Puc-Rio, Departamento de Educação, nº 62, setembro de 2002

graduação (UERJ/ 1999), tive a oportunidade de desenvolver uma monografia, que buscava perceber quais eram as concepções de infância dos pais de uma turma de crianças de dois anos, em uma escola de classe média do bairro da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Para esse estudo fiz uma breve revisão de literatura sobre concepções de infância e busquei delinear algumas contribuições teóricas da psicologia, da historiografia e da antropologia para produção do conhecimento sobre a infância. Alguns dos interlocutores desse trabalho serão revisitados na construção do referencial teórico desta dissertação, tais como Ariès, Jobim e Souza, Kramer entre outros.

Ao término da graduação, ingressei no grupo de pesquisa “Formação dos profissionais da educação infantil: concepções, políticas e modos de implementação”, cujo projeto de pesquisa teve, como principal objetivo, *realizar um balanço crítico das propostas de formação de profissionais que atuam em diferentes modalidades da educação infantil realizada em creches, pré escolas, jardins de infância, escolas maternais, no Estado do Rio de Janeiro*”. (Kramer et alii, 2000, p.1)

Estar no grupo de pesquisa me deu a oportunidade de “mergulhar” mais fundo na história da educação das crianças pequenas e sua legislação. Nesse período também realizei o “Curso de Especialização em Educação Infantil: perspectivas do trabalho em creches e pré-escolas”. As leituras do curso e as inquietações advindas da pesquisa, me estimularam na elaboração da monografia², onde busquei conhecer as propostas pedagógicas de Educação Infantil nos municípios do Estado do Rio de Janeiro a fim de, a partir de sua análise, compreender o que vem sendo planejado como políticas públicas para infância, nesses mesmos municípios.

O desejo de entender as políticas e analisar a formação de professores foi se misturando a novas inquietações que deixavam o terreno da escola e passavam a acompanhar meus caminhos pela cidade do Rio de Janeiro. As discussões praticadas na Pesquisa e no Curso de Especialização em Educação Infantil alimentavam meu olhar de pesquisadora e, cada vez mais, me via atenta ao

² NASCIMENTO, Anelise. “Educação infantil no contexto das políticas públicas: a análise das propostas pedagógicas dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro”. In: KRAMER, Sonia. Et alii. Formação dos profissionais da educação infantil no Estado do Rio de Janeiro: concepções, políticas e modos de implementação – Relatório de pesquisa, CNPq, 2001

comportamento das crianças em diferentes lugares como: cinemas, restaurantes, shoppings. Nesses espaços, estava atenta às interações entre as crianças, delas com os adultos e com o espaço físico.

Observar a relação entre espaços físicos e crianças começou a ser o foco de minha atenção, tornando-se objeto central desta dissertação. Aos poucos, fui notando que os espaços privados demonstravam uma nova organização, que buscavam adaptar-se às necessidades e especificidades infantis. Passei a perceber que, em certos restaurantes, mesas e pias do tamanho das crianças passavam a dividir o espaço com os móveis tradicionais. Nesses mesmos estabelecimentos, as toalhas de mesa eram agora cobertas por jogos americanos, de papel, destinados às crianças. Sempre muito coloridos apresentavam como temas principais jogos, adivinhas, liga-pontos além de desenhos para colorir. Nos supermercados, o espaço destinado à criança mostrava-se ainda maior. Com a ajuda da indústria alimentícia, que, a cada dia, cria um novo produto tendo como alvo os consumidores infantis, corredores inteiros eram tomados pelas mais variadas guloseimas e, às crianças, ainda eram oferecidos carrinhos do seu tamanho, para maior autonomia nas compras. As livrarias também passaram a destinar um setor às crianças, colocando livros ao seu alcance além de jogo e um canto para leitura. Nos Shoppings um cercado colorido delimita um espaço especial destinado às crianças, onde os pais, desde que paguem, podem deixar seus filhos enquanto fazem compras. Neles há brinquedos, jogos, cama elástica e são realizadas atividades inspiradas nas propostas das instituições de educação infantil³ como desenho, pintura e modelagem. Nem todas as crianças têm acesso ao “Cantinho da criança”, como é nomeado em muitos lugares. É preciso ter idade mínima ou altura máxima, de acordo com as normas de cada um deles. O tempo que a criança permanece em seu interior é determinado pela família e o preço normalmente varia de acordo com o tempo escolhido. No Cantinho da criança, elas ficam sob a responsabilidade de monitores que os acompanham. Esta mesma prática vem sendo implantada nos supermercados e as crianças podem ficar nesses espaços mediante apresentação do comprovante de compras.

³ COUTINHO, Karyne. *Lugares de criança: shopping centers e o disciplinamento dos corpos infantis*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002

A princípio, tendo como pano de fundo este panorama, parecia que atender às demandas infantis fazia parte do planejamento e organização desses espaços. Fazer qualquer afirmação neste sentido, porém, poderia ser precipitado. Era preciso mergulhar com afinco neste campo tão rico de possibilidades. Entretanto, embora haja uma demanda grande de estudos, poucas são as pesquisas que buscam perceber e analisar a visibilidade da criança em diferentes contextos sociais, como veremos ao longo do texto.

Esta dissertação é, portanto, a busca por compreender a infância dentro das malhas que compõem o social. Diante do meu percurso e, reconhecendo a riqueza da dinâmica dos processos que envolvem o homem, sei que esta é uma empreitada árdua e sedutora. Desbravar novos caminhos, encontrar crianças fora dos muros das instituições educacionais, lançar-me às surpresas de estar num grande centro. Assim, convido o leitor a olhar a cidade em suas particularidades e a pensar na infância contemporânea. Nessa trilha, como quem busca os mapas que orientarão a navegação, foi realizado o primeiro capítulo. Nele, são postos os desafios que envolvem o tema criança-cidade, além das questões metodológicas. O segundo capítulo, ao considerar o Espaço como formador da subjetividade humana, levanta questões sobre a vida nas cidades e apresenta o campo da pesquisa. O terceiro e último capítulo é a tentativa de compreender a dinâmica que envolve crianças e adultos em um espaço público, e transformar em palavras a riqueza observada no campo.